

A ética da psicanálise

(Thomas S. Szasz) (Original: The Ethics of Psychoanalysis, publicado em 1965, Basic Books Inc. Publishers, Nova York, EUA. Em português, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975).

Correções a serem feitas no texto (que tem erros de tradução):

Pg. 47, 53 e várias outras: O termo "psiquiatria" é empregado como sinônimo de "psicoterapia";

pg. 48: o correto é "equipamento" (em vez de "objetivo")

49 e seguintes: o correto é "divã" (em vez de "sofá");

pg. 59: o correto é "métodos psicoterapêuticos" (em vez de "psiquiátricos");

pg. 60 (9ª. linha no 2º. Parágrafo): o correto é "heterônimo" (em vez de autônomo).

Um dos temas centrais do texto pode ser descrito como segue:

Para evitar a influência do modelo médico sobre a psicanálise (ou a psicoterapia em geral), Szasz substitui o imperativo metodológico pelo aspecto ético/contratual.

A psicanálise contemporânea, pelo menos no que se refere à maioria de seus praticantes, tenta (questionavelmente) resolver a questão metodológica mediante a abordagem da transferência (análise transferencial como substituto da interpretação das associações livres, cujo conteúdo não se restringe ao tema das expectativas afetivas dirigidas ao analista).

Szasz, por seu lado, procura reduzir a importância da questão metodológica, afirmando que se o psicanalista abdicar do poder (característico da relação entre médico alopata e seu paciente), certamente conduzirá da maneira mais adequada possível o encontro (palavra que prefere aos termos "consulta", "sessão", ou "psicoterapia").

Como tantos outros autores, Szasz permanece prisioneiro do dilema epistemológico clássico: o que não é biológico (no caso, a concepção subjacente ao modelo médico de psicoterapia), seria ambiental (no caso, o modelo educacional, que ele preconiza).

2. A identidade profissional do psicoterapeuta

- O modelo médico de psicoterapia
- - "... *no modelo médico é comumente aceito o princípio de que doenças mentais diferentes exigem métodos diferentes de tratamento*".
- - O que Szasz rejeita claramente. E propõe debater a questão. (O tratamento psiquiátrico é sintomatológico... em psicoterapia não se pressupõe uma divisão do comportamento em "partes" ou "funções", como a medicina faz em relação ao organismo. Os conceitos personalidade, individualidade, singularidade, subjetividade, têm por implicação a concepção de uma "totalidade", ou seja, apontam para o conceito "pessoa", em contraposição a "órgãos", ou "organismo").
- Szasz retoma uma questão bem importante: a inadequação da expressão "doença mental": "Mente" não é órgão. Deve-se diferenciar entre neurologia e psiquiatria, ou entre doenças neurológicas e conflitos "mentais" ou psicológicos. Tampouco poderia o comportamento humano ser considerado uma função da mente (confundida com cérebro) como a função respiratória é legitimamente considerada uma função dos pulmões, a circulação do sangue e distribuição do oxigênio como função do coração, e a função digestiva executada pelos intestinos, por exemplo. O comportamento seria expressão do que é designado pelo conceito de personalidade (individualidade, subjetividade, identidade), seja qual for a respectiva definição por parte das diferentes linhas em psicologia.
- Entretanto, é possível ir um pouco além nessa discussão. Desde a época em que o livro foi escrito (1962), a psiquiatria

transpôs a fronteira, considerando declaradamente e sem subterfúgios que a mente deriva de cérebro. (Algo similar ocorreu na lingüística chomskyana, que considera a linguagem como derivação do substrato neuronal, embora Chomsky estude de fato a gramática em si e por si, e use a base biológica apenas para contestar o ambientalismo prevalecente nos estudos sobre a linguagem durante os anos 50 e 60).

- O comportamento humano é totalmente singular (a espécie humana não se caracteriza por qualquer uniformidade no comportamento), ao contrário das funções do organismo. Como definir "comportamento normal"? (Mesmo se se quisesse aceitar o termo, existiriam múltiplas formas de "normalidade", ao contrário do que se poderia dizer do funcionamento do organismo humano). "O normal e o patológico" (1943), livro fundamental de Georges Canguilhem, questiona, mesmo no interior da medicina, a rígida separação entre as noções de saúde e de doença.
- - *Em suma, o psicoterapeuta estuda pessoas e não mentes*". (Questão a ser discutida. A formulação psicanalítica diria, adotando uma perspectiva mais radical: "Discursos e não pessoas"). "Pessoas" também é um conceito que "padece" de abstração. Mas Szasz não discute essa questão. O seu humanismo militante faz com que considere "pessoa" um conceito inquestionável.
- - Erro de tradução ou do autor? Szasz categoriza, sob a denominação "psiquiatria" as correntes da 'psicanálise' e dissidências (Freud, Adler, Jung, Rogers, existencial)... Provável explicação: a psicoterapia, nos Estados Unidos, na época em que Szasz escreve, é considerada, do ponto de vista legal, como área pertencente ao campo da psiquiatria.

- - Em todo caso, Szasz assinala que, diferentemente da abordagem realmente psiquiátrica, as diversas abordagens psicoterápicas não tratam de problemas específicos (sexuais, ou espirituais, ou religiosos, ou de relacionamento...), mas da pessoa como um todo.

Discordâncias em relação às seguintes afirmações feitas por Szasz

- - (pg. 47) "*...as atividades psicoterapêuticas utilizam 3 operações estreitamente relacionadas: comunicação verbal, comunicação não verbal, aceitação ou quebra de contratos e promessas*".
- - A psicanálise seria "*ciência pura como investigação da personalidade humana e como terapia ciência aplicada*". O problema é que a "investigação da personalidade" é feita com o mesmo método (e ao mesmo tempo...) em que a 'psicoterapia'. Szasz não percebe a diferença entre a teoria do sujeito (teoria psicanalítica propriamente dita) e a teoria do método (o método utilizado na prática clínica: associação livre e atenção flutuante). Por isso, define o procedimento terapêutico (interpretativo) como "ciência aplicada".
- - O cientista se caracterizaria em lidar com instrumentos (mas nesse caso os matemáticos e físicos teóricos - entre eles Einstein - não seriam cientistas?). Os instrumentos da psicanálise concebida enquanto ciência, segundo Szasz, seriam o divã e a associação livre.
- - Ao fazer essa afirmação, Szasz comete um erro capital, ao confundir instrumento e método. Como não são instrumentos de fato (no sentido tecnológico do termo), Szasz desqualifica o divã e a associação livre.
- - A sua argumentação em relação à associação livre é totalmente questionável. Faz uma analogia entre "exame de

palavras" e "exame de sangue". Considera a associação livre como descendente do método catártico, supondo um elemento comum entre ambos, no caso, a "hipnose". Szasz, surpreendentemente, não percebe qualquer diferença entre o que se visava com o método catártico e o que se visa com a interpretação.

O problema da iconoclastia de Szasz é que vê o dedo da medicina até onde ele não está, e muitas vezes no seu oposto. Não se dá conta absolutamente de que o discurso se situa numa categoria epistemológica totalmente diferente do que quer que seja o orgânico.

- Assim, Szasz critica o uso de testes e medicamentos (e drogas), além de medidores de emoções, gravadores, filmadores, etc., colocando-os no mesmo saco do divã e da associação livre.
- Com relação aos testes, ou bem são inócuos (inúteis) ou bem, segundo Szasz, seriam "imorais" porque revelam muito mais do que o paciente aceitaria revelar. Mas, nesse caso, se são inúteis, não são imorais (já que não revelariam nada), e reciprocamente. Mas não podem ser as duas coisas ao mesmo tempo.
- Enfim: o texto promove o confronto entre as noções "encontros humanos" e "ciência": "*Em minha opinião, artifícios em psicoterapia servem apenas a um objetivo - sacramentar como atividade científica aquilo que se sente ser "apenas" um encontro humano*". (Pg. 52). Entretanto, mesmo que se chame de "encontro humano" o que habitualmente é

designado como "sessão" ou "consulta", continua tratando-se de uma atividade profissional. E, nesse caso, se é uma atividade profissional, deve ter uma ciência em sua base. E se tem uma ciência como base, inevitavelmente emprega um procedimento metodológico. Portanto...

Szasz confronta e opõe ciência (ou seja, método) com "encontros humanos" (concebidos como isentos de metodologia, sendo regidos apenas pelo contrato, e este pela ética).

Szasz não concebe que, mesmo que haja uma diferença entre ciências naturais e humanas no que se refere a método, isso não impede que ambas sejam atividades científicas, ou seja, que utilizem procedimento metodológicos. Na perspectiva de Szasz, as ciências humanas são pensadas fora da perspectiva científica, pelo menos no que se refere à psicoterapia.

Em sua argumentação, Szasz adota a expressão "encontro humano", que não poderia ser "metodologizado".

(Assim, a crítica de Szasz parece pertinente quando questiona a aplicação do mesmo método utilizado em ciências naturais às humanas, mas torna-se contraditório ao supor que as ciências humanas não pertencem ao campo científico e portanto não precisam valer-se de uma metodologia).

- "A tarefa do médico exige que ele se concentre nos aspectos somático e causal". "A tarefa do psiquiatra (! sic !!!) exige que ele se concentre nos aspectos psicológico e existencial". O primeiro trataria do indivíduo (pelo menos parcialmente) como um objeto (seria melhor dizer: organismo); o segundo como um indivíduo. Esse tópico está ligado à discussão que levaria a elucidar a diferença entre causa vs sentido e teoria vs singularidade.

A confusão entre método e personalidade:

- Antes disso, Szasz propõe outra discussão : ao contrário de um doente (em termos de doença orgânica), que pode ter uma pneumonia e um câncer ao mesmo tempo, a pessoa com "problemas psicológicos" não poderia ser simultaneamente "psicótica" e "neurótica".
- O argumento parece bom mas não está bem sustentado. E não só porque um kleiniano poderia conceber um neurótico com "núcleos psicóticos", ou porque um "psicótico" poderia sair do surto e ser - de acordo com determinado ponto de vista (não exatamente o melhor) - considerado assim mesmo 'psicótico'.
- O argumento forte de Szasz: o organismo é descrito mediante uma série de funções que podem, pelo menos até certo ponto, ser desempenhadas em separado. Diferentemente, "a pessoa" manifesta-se como discurso, não separável em funções. Mas, nesse caso, cai por terra a denominação "neurótico/psicótico" para permanecer apenas: discurso (que em dado momento pode exibir as marcas preferenciais dos conflitos neurótico/perverso ou psicótico).

- - "*Minha tese é que a prática da técnica analítica emana da personalidade do analista e dela jamais pode se separar*". Essa frase denota claramente a confusão entre método e personalidade.
- Dada uma postura básica - de respeito, receptividade, continência, similarmente aliás ao que ocorre, *mutatis mutandis*, em qualquer outra profissão - trata-se, daí em diante, de exercer um conhecimento que necessariamente inclui a prática de determinado método.
- Cada terapeuta terá sua individualidade - mas, idealmente, adotando uma determinada postura teórica, um único método. Se "a prática da técnica analítica" emana da "personalidade do analista", teríamos tantas técnicas quando analistas.
- Szasz confunde as atitudes básicas sem as quais uma pessoa não poderia desempenhar determinada profissão, com a questão metodológica. No máximo, ele poderia estipular certas condições "negativas". Uma pessoa em surto não poderia ser psicanalista; provavelmente certas perversões (sado-masiquismo, voyeurismo-exibicionismo) também seriam impeditivas. Mas é preciso lembrar que, nesses casos, o diagnóstico nem sempre é fácil ou objetivo, a não ser em manifestações extremas...
- - Mais uma discordância a assinalar: Szasz critica Freud por considerar que a psicanálise é uma terapia apenas para "histéricos e alguns outros neuróticos" (como Szasz se expressa mal!), não se aplicando a esquizofrênicos ou depressivos. Em momento algum Szasz menciona a teoria da transferência a esse respeito. Atribui o fato à "influência médica sobre a psicoterapia". O conceito de transferência, desenvolvido por Freud, descreve as razões pelas quais as pessoas em surto não buscam a psicoterapia (e nem o

tratamento psiquiátrico, que eventualmente lhes é imposto, o que não pode acontecer com a abordagem psicoterápica, que depende da demanda do 'paciente').

- Mas, em compensação, há algumas idéias excelentes. "Pessoas diferentes, não doenças mentais diferentes, exigem métodos psiquiátricos (sic) diferentes".- A solução seria identificar os métodos de maneira clara, para que cada qual escolha a seu gosto. .. ou da sua resistência...

3. O tratamento psicanalítico como educação:

- Szasz critica a terminologia psicanalítica: Paciente, terapeuta, cura, alta, diagnóstico, etc.
- Em lugar do modelo médico, atestado pela terminologia criticada, Szasz propõe a educação. De fato, há passagens de Freud em que este aproxima o papel do psicanalista do do educador. (Assinalar o quanto esta concepção é antagônica com a imagem do cientista, do tradutor e do arqueólogo, também utilizadas por Freud como metáforas da posição do psicanalista).
- A afirmação valeria então para outras formas de psicoterapia também. Quanto à polêmica sobre o tema, Szasz atribui a respectiva "resistência" à diferença de prestígio entre o médico e o educador.
- Se a psicanálise pode ser vista como educação, que tipo de educação seria?

Hierarquia da aprendizagem:

- Protoeducação: aprendizagem limitada a um item específico, definida pela informação fornecida, que somente seria pela

prática e que poderia ser aceita ou rejeitada. O equivalente a consultar um dicionário para aprender palavras de outra língua.

- Educação: não se limita a um único item e implica na possibilidade de se ter acesso ao material que contém as informações. Livros de gramáticas ou biblioteca.
1. Meta-educação. Se continuarmos a usar a metáfora do idioma, seria como aprender uma língua, entrando em contato com suas manifestações mais elevadas. *"O objetivo da meta-educação é ensinar (determinados conteúdos, e além deles) aprender sobre o ensino e a aprendizagem"*. (Possivelmente uma fórmula melhor seria: aprender como aprender.

(Melhor ainda, mas saindo da perspectiva do Szasz: aprender como desaprender).

- Bela colocação do Szasz, vale citá-la na íntegra (apesar de ser, em última análise, questionável): *"Dado que o processo de educação não é divulgar informações factuais, a veracidade ou falsidade das comunicações do professor não é uma consideração significativa. A função do professor é ajudar o estudante a adquirir a perspectiva meta-educacional em relação a si mesmo. Analogamente, a eficiência deve ser medida em termos de se - ou melhor, até que ponto - o estudante atinge esse objetivo"*. (Pg. 64).
- Além disso, o terapeuta proveria um modelo de relação. (Seria melhor dizer, propõe um modelo de transferência, que vai desde uma dependência acentuada - protoeducação - até uma injunção à independência - metaeducação).
- Mais uma discordância a assinalar: que Freud considera a psicanálise como uma matéria a ser ensinada. Nesse caso,

para que serviria o processo psicanalítico? Este seria reduzido a aulas particulares sobre conflitos? É inacreditável como Szasz não discute o papel da interpretação.

- Szasz considera que não só, mas também, o analista ensina sobre o complexo de Édipo, etc.
- A idéia de que o psicanalista "ensina" conteúdos é gêmea da suposição de que o analista "analisa" conteúdos. Aqui cabe discutir a diferença, fundamental, entre a prática psicanalítica concebida como análise de conteúdo e concebida enquanto interpretação.
- Pg. 66. Szasz aproxima a interpretação do procedimento educativo (ainda que logo depois corrija essa afirmação, ao mencionar a "interpretação de sintomas, de sonhos, de transferências..."). Mas, ainda assim, mostra que sua concepção de interpretação se refere a conteúdos específicos, e não ao discurso (associações livres) como um todo.
- *"Aprende tanto quanto a si mesmo quanto à auto-análise; infelizmente, esse fato foi esquecido pela psicanálise moderna".* Pode-se questionar essa concepção. A psicanálise não consiste em "aprender sobre si mesmo". A interpretação não é bem um tipo de ensino, nem mesmo em relação a esse conteúdo, a "própria personalidade".
- O que talvez se aprenda em psicanálise é que não há um "real" (uma "realidade"), que produz a infelicidade pessoal. O nosso grau de felicidade e infelicidade pertence ao âmbito da nossa responsabilidade. 'Real', em psicanálise, é equivalente a "realidade psíquica", ou seja, desejo, ou seja = sujeito.

- Se algum conflito reaparece, é possível enfrentá-lo, sem entregar-se à sua inevitabilidade. Isso poderia ser feito "a sós" ou recorrendo a alguém. Recorrer a um psicoterapeuta por uma segunda vez não significa dependência nem fracasso da primeira "terapia". Incompletude? Talvez. Talvez o "tratamento" tenha sido interrompido por uma resistência. (Um dos problemas mais sérios da metáfora educacional é sua implicação de que a psicanálise é uma espécie de pós-graduação com um doutorado defendido).
- A hierarquização dos tipos de terapia, colocando no topo a psicanálise, que conteria uma "porcentagem" maior de "meta-educação", é dificilmente aceitável. A respectiva argumentação parece bastante frágil: "*O principal método da meta-educação psicanalítica é o da análise da situação terapêutica e das situações extra-analíticas nas quais o paciente desempenha parte significativa*". Novamente Szasz peca por conceber a psicanálise através do conteúdo, e não da associação livre em si, qualquer seja o seu conteúdo -- quer aparentemente mais "pessoal" ou mais "indireto". Tudo o que é dito na sessão se refere ao sujeito.

O conteúdo do tratamento psicanalítico:

- Interessante a oposição conteúdo/forma do "tratamento psicanalítico" tal como Szasz a propõe. Por forma ele designa as questões contratuais. Em relação ao conteúdo, ele realmente se refere à análise de conteúdo. Novamente: sua crítica seria pertinente se ele não deixasse de perceber que além das questões contratuais coloca-se a questão do método, que é diferente e fundamental.

A história do tratamento psicanalítico:

- Essa parte do capítulo demonstra isso claramente. Mas, novamente, as preliminares são ótimas. Szasz sabe realmente detectar os problemas e muito bem.
- - *"Na medida em que o trabalho de Freud se desenvolvia, suas idéias e as de outros terapeutas sobre o conteúdo da terapia analítica sofreram modificações. O resultado foi muita confusão e desacordo sobre o que a psicanálise "realmente" era ou o que merecia essa denominação."* (68)
- Ao abordar o tema historicamente, Szasz retrata o desenvolvimento da história da análise de conteúdo. A teoria do trauma, em primeiro lugar. Mas em vez de enfatizar a radical transformação implicada na revogação da teoria do trauma pela descoberta da fantasia, ele escreve: *"Esse fato ampliou o âmbito da terapia analítica a ponto de incluir as fantasias, bem como os sonhos do paciente"*.
- *"...ampliou ... incluir ... bem como os sonhos"*. Szasz claramente não percebe a questão epistemológica presente na diferença entre trauma e fantasia; nem a inauguração de um método radicalmente novo que acontece a partir do livro sobre a interpretação dos sonhos.
- Em todo caso, a história da análise de conteúdo (trauma, fantasia, sonho como conteúdo, Édipo, resistência, transferência) é bem reveladora.
- *"Como deveria o analista decidir qual desses tópicos era o mais importante ... caso não fossem todos eles igualmente importantes"?*
- Szasz considera que o aumento de "objetivos" aumentou também o tempo do tratamento e além disso causou a fragmentação da psicanálise em escolas e linhas.

- (Isso só terá ocorrido porque a análise de conteúdo usurpou o papel do método).
- Mesmo depois de "acertadas as contas" com Jung e Adler, expressão algo ... drástica utilizada por Szasz, a proliferação de propostas metodológicas continuou ocorrendo . (Ferenczi, Rank, Klein, Sullivan, Radó, Alexander, etc.)
- Na sequência, uma observação extremamente pertinente: *"Sejam quais forem as convicções teóricas que o analista possa ter, as fantasias do analisando têm um significado apenas na medida em que ele as expressa ou comunica"* (71).
- - Mas, a seguir, há uma "recaída": *"... o analista deve encorajá-lo a comunicar-se com o analisando clara e explicitamente em sua linguagem cotidiana e a decifrar suas próprias mensagens encobertas"*. Como se a associação livre (o ser humano) pudesse ser "objetiva"...
- A conclusão dessa seção do texto é confusa. Szasz aceita a expansão dos tópicos tratados pela psicanálise como sinal de progresso - apesar de fazer uma ressalva comparando a psicanálise com a física - mas enfatiza a necessidade de fazer a "análise da situação analítica".

O psicanalista como especialista do que é reprimido:

- Szasz faz uma pergunta que revela sua desorientação fundamental em relação à questão metodológica: *"Qual deve ser o conteúdo da comunicação entre o analisando e o analista"?*
- (Se bem que, reconheça-se, ele escreve a seguir: *"Não existe uma resposta simples para essa pergunta. O máximo que se pode fazer é analisar o problema que ela coloca"*).

- *"Mesmo à medida em que o tratamento progride o terapeuta deve evitar (tanto quanto possível [sic]) a intromissão de seus próprios interesses e teorias sobre o paciente e deve deixar que este trace o seu próprio rumo". (É justamente para isso que serve a regra da associação livre, que ele tanto critica (página 50).*

- Pag. 73. No 2º parágrafo Szasz revela sua concepção metodológica.

- A tarefa do analista seria analisar: *"Incongruências entre o que o paciente diz e o modo pelo qual age; descrições das relações com pessoas que não os pais (sic! porque não os pais?) e seu comportamento com relação ao analista - a transferência". "Em todas essas atitudes e outras não mencionadas o analista tenta transcender o relato consciente da situação apresentado pelo paciente e construir outra versão do mesmo, menos fantasiosa". "O terapeuta pode realizar isso pela observação em detalhe e por longos períodos de tempo do jogo irreal que o paciente faz, ao invés de aceitar o que o mesmo narra".*

- Então... segundo Szasz trata-se do contraste entre uma realidade - à qual o terapeuta parece ter pleno acesso - e as deformações do paciente. Mais uma consequência do viés educativo; o terapeuta "sabe" qual é a realidade e portanto pode perceber a deformação, o "jogo". "Não aceitar o que o paciente narra" significa que Szasz contrapõe à narrativa do paciente uma outra visão da realidade, a sua.

- Entretanto, cabe ao psicanalista apenas explicitar a lógica reiterada do que é dito na sessão, sem crítica, condenação ou censura. Que ela está ligada ao conflito, ou geralmente está, é

evidente. Embora, muitas vezes, e esse é mais um problema para a concepção defendida por Szasz, nem sempre a interpretação de uma sessão aponta para um conflito. Às vezes o recalque opera sobre a auto-valorização; às vezes a sessão possui uma metáfora positiva que, sem que se possa tomá-la como recalcada, aparece como que buscando expressão inaugural. As sessões cuja metáfora não aponta para algum conflito também requerem interpretação. (Sempre; onde há discurso a interpretação é possível, porque não há discurso sem metáfora).

- (Pg. 75): "*A questão é que tanto o paciente como o analista estão, ou devem estar, interessados naqueles pontos de vida do paciente que revelam discrepâncias*". Isto é, conflitos. Mas isto na medida em que o paciente a eles se refere. As sessões são muito mais ... caóticas, imprevisíveis quanto a seu "clima", conteúdo, temática... Os exemplos de Szasz novamente são contestáveis.: "*...o analista tem de intervir no diálogo; objeta às explicações do paciente; faz perguntas; sugere hipóteses alternativas para a explicação da conduta do paciente ... (o paciente) ver-se-á com novos olhos (a princípio, talvez, emprestados pelo analista)*". Não é preciso citar mais. Szasz propõe que o psicanalista não interprete, mas intervenha com o conteúdo de seu discurso sobre o conteúdo do discurso do analisando.
- 75. Ainda no item "discordâncias". "*Os itens a serem reprimidos, no entanto, são amplamente determinados pela*

família e pela cultura". Culturalismo claro. Obedecendo à velha alternativa: quem critica o biológico quase sempre se inclina na direção da cultura como fator epistemológico. Szasz segue a regra.

- E, portanto, se o psicanalista é especialista do "reprimido", e se o reprimido é ditado pela cultura... ele sabe de antemão o que estará sendo reprimido. Pelo menos medida em que o recalçado é determinado pela cultura, porque, justiça seja feita, há certa ambigüidade em Szasz: "*...na categoria de acontecimentos denominados repressões, o conteúdo varia em função da personalidade do estudante*". "*Devemos lembrar que a repressão é algo que cada pessoa faz para si mesma*". Mas a seguir vem a passagem citada em primeiro lugar. A ambigüidade de Szasz fica patente em relação a esse tema.
- Por outro lado, a origem da repressão seria a obediência, definida como proto-educação. Em relação ao conceito de identificação, não há o menor comentário.
- Ainda no item discordâncias. A função do psicanalista seria desmistificar as fantasias pessoais e sociais"? Estas últimas como analista? Pelo menos é coerente no erro... de supor que o social também seria determinante ...

Em relação aos capítulos 5 - O contato inicial entre paciente e terapeuta e capítulo 9 - O período terminal (sic!) (final)

- Aqui sim, no terreno contratual, reside tanto a aplicabilidade como o mérito das teses de Szasz.
- De fato, através dos itens "O papel do paciente e o papel do estudante", "Quem seleciona quem", "Diagnóstico ou diálogo", Szasz demonstra que, no campo contratual, o

modelo da escolha é fundamental, e se encontra em pleno contraste com a atitude médica. O início, a continuidade e o encerramento da "terapia" são decisões a serem tomadas pelo "paciente".

Questões centrais:

Como a crítica ao modelo médico, feita no interior da psicanálise, acaba por se aplicar indiscriminadamente tanto ao contrato - onde sua função é claramente "positiva"- como ao método, onde sua função é claramente "negativa".

Isto porque a questão metodológica não está clara para Szasz. A sua crítica à confusão entre órgão (organismo) e personalidade é muito boa, mas ele não percebe que ao condescender com que algum "tópico" ou alguns "tópicos" seja(m) colocado(s) no centro da escuta, o que está sendo dito é que a teoria do sintoma - a etiologia, descrita de tal ou qual maneira - é que deve determinar o que vai ser abordado.

Por outro lado, quando ele se refere à forma, privilegia a incongruência, a distorção, a fantasia - como objeto da atenção do terapeuta. Em nenhum momento é mencionada a questão do sentido do discurso. Entende-se o porquê da sua perspectiva

"educacional": de fato, tal como um professor corrige a redação de um texto, identificando suas incoerências e falhas, Szasz mostraria ao paciente as inadequações indicadas pela sua fala. O método pedagógico implica que sempre há uma orientação para facilitar a aprendizagem. Pelo contrário, o método psicanalítico permite perceber uma lógica de funcionamento, frequentemente conflitiva. A psicanálise leva mais a uma desaprendizagem do que a uma aprendizagem.

O que organismo é para a medicina o discurso é para a psicanálise. Aqui a medicina seria um bom modelo (tanto por oposição - em termos da natureza do objeto - como por afirmação, em relação à clareza de qual é o objeto da ciência em questão).

Isso não é percebido por Szasz (e por muitos outros).

Desconsiderando o discurso, deixa-se que a posição teórica face à etiologia do sintoma determine a intervenção, ou seja, o que vai ser privilegiado na escuta. Trata-se de uma posição absolutamente vizinha daquela criticada na psiquiatria, de definir a "doença" em consequência de uma disfunção orgânica.

<http://www.franklingoldgrub.com>